

QUINTO DOMINGO APÓS EPIFANIA

04 DE FEVEREIRO DE 2024

TEXTOS: SL 147.1-11; IS 40.21-31; 1 CO 9.16-27; MC 1.29-39

1. Tema do dia

Nesse Quinto Domingo após Epifania, pensamos de modo especial no cuidado amoroso de Deus revelado em Cristo Jesus. É sem dúvida um dia especial para comunicar a bondade do Senhor e sua providência. Certamente, fazemos isso valorizando todas as dádivas que temos recebido de Deus, e, especialmente, reconhecendo a dádiva da reconciliação em Cristo, que nos concede uma vida eterna em paz e comunhão.

2. Textos Bíblicos

Salmo 147.1-11

O Salmo 147 é um convite ao louvor a Deus e, ao mesmo tempo, de modo inseparável, à confiança nele. As palavras ressaltam o grande poder do Senhor, bem como sua intervenção em prol de seu povo.

O contexto pode ser minimamente inferido a partir do versículo 2. Há uma referência à construção de Jerusalém (que podemos entender facilmente como reconstrução) e ao ajuntamento dos dispersos. É inevitável pensar no pós-exílio, talvez no contexto aproximado de Esdras-Neemias. Entendo que é importante atentar para os verbos aqui. Embora as traduções mais usadas entre nós (NAA, ARA e NTLH) mantenham os dois no presente, no texto hebraico temos uma variação. O primeiro está no particípio (בִּוְנֶה). O Senhor está construindo Jerusalém. O segundo está no assim chamado “imperfeito” (סֹבֵב!), que podemos traduzir como presente algumas vezes, expressando uma ação habitual, mas que serve muito bem para expressar uma ação futura. O Senhor fará voltarem os dispersos de Israel. Ler assim não nos coloca nenhuma dificuldade, visto que se sabe que o povo de Israel não voltou de uma vez todo ele do exílio babilônico. Houve um tempo em que facilmente se poderia cantar que o Senhor já estava reconstruindo Jerusalém, e que faria ainda voltar para lá a parte de seu povo ainda afastada. Não é sem razão que versões antigas, nomeadamente a grega (chamada LXX) e a latina (a Vulgata), traduzam assim (particípio presente seguido de futuro).

Isso importa. Se entendemos que o contexto é esse de uma Jerusalém em reconstrução e com a expectativa de retorno de muitos ainda, ganha relevância o cultivo da confiança no poder e na bondade de Deus que os demais versos fomentam. Há ainda uma expectativa. Mas aquele em que esperamos não vai falhar. A aparente fraqueza desses que já estão ou que hão de voltar

a Jerusalém não implica em impedimento ou dificuldade alguma para o Senhor, desde que coloquem nele a sua esperança.

Isaiás 40.21-31

As palavras do profeta fazem algo parecido com o que vimos no Salmo: elas cultivam confiança e esperança. Antes do trecho que lemos neste dia, encontramos a expressão da intenção de Deus de que seu povo seja confortado (40.1), que vem acompanhada do anúncio do precursor do Messias (40.3). Isso deve nos fazer lembrar que a ação consoladora de Deus não se conclui no período histórico vislumbrado inicialmente na profecia, que é certamente aquele do final do Exílio (algo já muito além de seu próprio tempo). O tempo de sofrimento do povo de Israel não dura para sempre. O sofrimento persistente da humanidade também não.

É verdade que a efetividade da ação salvadora de Deus poderia parecer impossível para um povo que experimentava a aflição de estar sujeito a nações de seu entorno, aparentemente mais poderosas. Por isso, Deus enfatiza a pequenez das nações diante de si (40.15).

No trecho para esse domingo, o texto continua fazendo entender a grandeza incomparável de Deus, mesmo diante das coisas grandes deste mundo. Mesmo olhando atentamente ao redor para as coisas naturais e para as criações humanas, a seguinte pergunta deve permanecer sem resposta: A quem o Senhor poderia ser assemelhado? (40.25) O Senhor está de tal forma acima de tudo o que se vê que o que parece impossível a partir de uma perspectiva humana não é, para ele, sequer difícil.

Não há, portanto, motivo para desespero. Se Deus envia uma mensagem de conforto, é porque pretende intervir. E pode fazer isso muito bem. O trecho final, a partir do versículo 28, mostra como essa intervenção é transformadora, não só no final, mas desde o tempo da espera.

A raiz נָו aparece 4 vezes. Três vezes como verbo (28, 30, 31) e uma vez como adjetivo (29). A tradução costuma ser “cansar”, “cansado”. A raiz נָו aparece 3 vezes, sempre como verbo, podendo ter como tradução “fadigar-se”. Naquela que seria a sua ocorrência “não verbal”, no versículo 29, temos uma substituição pela expressão $\text{דִּיבִּיחַ יִרְאֵה}$, “que não têm vigor”. Mais que notar a recorrência, é importante perceber a variação, o desenvolvimento do tema:

1. Depois de enfatizar o poder e a grandeza de Deus, temos a afirmação de que ele não se cansa (נָו) e não se fadiga (נָו).
2. Além de ter isso como característica própria, intrínseca, Deus o pode compartilhar: Ele está dando força ao cansado (נָו) e multiplica poder para o que não tem vigor ($\text{דִּיבִּיחַ יִרְאֵה}$).

3. Esse cuidado divino não deve ser confundido ou comparado com a mera aptidão natural de alguns indivíduos. Por um lado, jovencinhos se cansam (יִפְּוּ) e se fadigam (יִלָּגּוּ).

4. Por outro lado, de modo diferente, os que esperam pelo Senhor têm novas forças. Eles correm e não se fadigam (יִלָּגּוּ), caminham e não se cansam (יִפְּוּ).

A lição está completa. Começamos com uma característica de Deus. Seguimos com a notícia do compartilhamento que ele faz disso que lhe é próprio. E terminamos com a afirmação de que, a partir dessa sua ação, os que nele esperam são como ele nisso, e não como as pessoas em geral.

Talvez valha a pena anotar o óbvio: A afirmação não deve nos fazer pensar em esforço físico ou em provas de atletismo, mas no fato de que a própria perseverança do povo de Deus na esperança e confiança é um milagre divino. O milagre não está somente no que se espera, mas também na própria espera assistida por Deus.

1 Coríntios 9.16-27

Paulo mostra aqui a sua própria vida como exemplo de alguém engajado na missão de anunciar o Evangelho. Sua vida está colocada para a proclamação da ação consoladora de Deus a todos os povos, a partir de Cristo Jesus.

Ele tem para si o dever de falar ao coração não de um povo somente, mas de todos os povos. A versatilidade se faz necessária. E é preciso um esforço nesse sentido, porque o objetivo é a salvação das pessoas. Paulo vive assim com o objetivo de se tornar (γένωμαι) co-participante (συγκοινωνός) do Evangelho. Não concebe a possibilidade de ser somente um espectador. Seu envolvimento com o Evangelho da salvação implica em comunicar essa salvação, em se esforçar para a salvação de outras pessoas. Aqui, talvez convenha pensar em ser co-participante não somente no sentido de usufruir das bênçãos do Evangelho, mas no sentido de ter parte na ação, nesse acontecimento que é o Evangelho, e que não estava (e não está!) terminado.

Ao final do trecho, temos a imagem do esforço do atleta colocada como assemelhável ao esforço do mensageiro do Evangelho. Há aqui, também, a necessidade de disciplina e empenho. Não seria possível, para esse mensageiro, viver segundo a carne, uma vez que não quer se tornar (γένωμαι) reprovado.

Algo importante no trecho é a forma ao mesmo tempo confiante, decidida e humilde com que o apóstolo se engaja na missão de Deus. Ele não quer viver para ser o centro das atenções, mas para ser mais um que tem parte no Evangelho. Ele não se coloca como estando acima dos demais cristãos, como digno de admiração especial, mas como alguém que se esforça para não

ser reprovado. O mensageiro reconhece o seu papel. E reconhece a importância central do Evangelho, submetendo-se a ele no serviço.

Marcos 1.29-39

Temos um texto um pouco “variado” para esse domingo. Temos três momentos distintos, e o pregador pode querer escolher focar em um dos três ou trabalhar o todo.

Estamos, como sabemos, em Cafarnaum (Mc 1.21). Jesus havia expulsado na sinagoga da cidade o espírito imundo de um homem. Havia sido um momento de tensão. O espírito disse algo sobre a identidade de Jesus. E este o mandou calar-se e sair do homem. As pessoas ao redor ficaram impressionadas, não pelo que dissera o espírito imundo, mas pela autoridade com que Jesus o havia expulsado. E isso faz a fama de Jesus crescer, o que será importante para o que ocorre no trecho que nos interessa diretamente.

Da sinagoga, vão para a casa de Pedro. Ali, acontece a cura da sogra desse discípulo. Ela estava de cama tendo febre (πυρέσσοισα). É bom lembrar que o verbo grego – assim como nossa forma de dizer “estar com febre” – expressa um sintoma. Não se trata do diagnóstico da doença. Não há indicação do possível motivo da febre da sogra de Pedro. Mas lembro essa questão para marcar que, diferente do que se pode encontrar no imaginário popular, não precisa tratar-se de algo trivial. Pelo contrário, em um tempo muito anterior à descoberta da penicilina (1928), infecções hoje facilmente tratadas, e que têm a febre como um de seus sintomas, poderiam ser consideradas situações de risco. A cura realizada por Jesus não foi correlata ao uso de um antipirético como a dipirona simplesmente. Não era assim, como algo trivial, que os presentes viram o ocorrido, nem os primeiros leitores/ouvintes do texto marcano.

Mas a narrativa não nos deixa somente na cena doméstica. Ela nos leva, após o pôr do sol, até a porta da casa, onde se ajunta toda a população, com seus doentes e endemoninhados. Jesus cura e liberta diversas pessoas. Aqui, o evangelista nos faz lembrar da cena do exorcismo na sinagoga, observando que Jesus não permitia, também nessas expulsões ali junto à porta da casa de Pedro, que os demônios falassem.

Outro momento é marcado. É madrugada agora. Jesus se levanta e vai orar em um lugar isolado. Os discípulos vão atrás dele, seguem no seu encalço (κατεδίωξεν). Quando o encontram, dizem: “Todos estão te procurando (ζητοῦσίν)!”. Esses dois verbos são obviamente diferentes. O primeiro indica o ato de perseguir mesmo. O segundo é menos intenso, indicando qualquer tipo de busca, de procura. Claro que o resultado do primeiro, que expressa a ação dos discípulos, é que eles encontraram (εὑρον) Jesus. Por isso, parece ser adequado traduzi-lo simplesmente com o verbo “procurar” aqui, igualando os dois – aquele que expressa a ação dos discípulos e aquele que eles dizem. Assim fazem a NAA, a NTLH e a NVI. Contudo, me parece bom mantermos

dois verbos diferentes na tradução, como está no texto grego, para favorecer o entendimento de que, em sua fala, os discípulos não se referem necessariamente à própria ação, mas à ação da população local. Os “todos” que o procuravam seriam já os muitos que, naquele momento, já vinha procurar pelos milagres novamente. Não é algo explicitado, mas aparentemente implicado. E isso pode ser mais facilmente percebido pela variação do verbo. Além disso, a procura já avantajada da população local por Jesus pode ter relação direta com o próximo movimento: ir para outros lugares. O mesmo que ele fez em Cafarnaum, faz também em toda a Galileia – prega nas sinagogas, liberta de demônios e cura.

Se quisermos pensar no texto como um todo e não em uma cena dessas três, certamente, o que salta aos olhos é a atuação de Jesus como aquele que vem para confortar um povo em sofrimento. Sua ação em meio às aflições da vida é um sinal de esperança. Por isso, tantos recorrem imediatamente a ele. Os poderes que subjogavam aquelas pessoas são, agora, afrontado por um poder maior, surpreendentemente maior. Nesse sentido, Jesus está ali como a boa novidade, como a intervenção divina para salvação das pessoas. Obviamente, o socorro é maior do que aquelas pessoas experimentam. Aquela ação de Jesus é uma nota que indica algo muito maior ainda por acontecer. Com sua morte e ressurreição, o Evangelho se mostra ainda mais surpreendente, abrangente e profundo. Não se trata de reestabelecer a saúde momentaneamente, mas de instaurar Nova Criação livre de todo dano e de todo mal. Jesus cura e sara de modo provisório, anunciando uma cura definitiva. Enxuga lágrimas do dia, ensinando que, naquele dia, toda lágrima será enxugada.

3. Aplicação homilética

É um bom domingo para encararmos de frente as dificuldades da vida, os sofrimentos – graves ou nem tanto, que acometem as pessoas que nos ouvem. Um olhar sincero para a vida com suas incertezas se faz necessário. De certa forma, essa honestidade é um passo necessário para fazer, desde o púlpito, o que Deus mostra fazer nos textos lidos: Ele se importa.

Se faz falta indicar o que de Lei se há de pregar, eu diria que seria muito tranquilo e coerente assinalar a nossa falta de confiança em Deus em um ou outro momento da vida.

As porções das Escrituras revelam o poder, a bondade e a intervenção de Deus em face das nossas agruras (Evangelho, Isaías, Salmo). Vemo-nos cansados, muitas vezes, mas o cuidado do Senhor é tal que até a perseverança nos é concedida a partir dele mesmo (Isaías), para que esperemos não somente por uma resolução de problemas pontuais, mas por novos céus e nova terra.

Se o pregador entende ser proveitoso para a Congregação no momento, pode enfatizar ainda nossa vontade de fazer essa Boa Notícia do socorro divino alcançar e salvar mais pessoas, recorrendo ao exemplo de Paulo (1 Coríntios).

Obviamente, ao tratar do Evangelho, que explicita o esforço de Jesus em favor dos que sofrem, o pregador pode lembrar que esse esforço culminaria na sua morte sacrificial, que nos traz tão grande salvação, tão imerecidos benefícios.

Rev. Cesar Motta Rios

Rio de Janeiro, RJ